

AGUIARNÓPOLIS, TO, 27 DE SETEMBRO DE 2002

*Já não sei nem como vou citar o Governador de Tocantins. Chamá-lo de meu amigo é pouco; de homem generoso, vocês viram nas palavras dele; de grande construtor de Tocantins, nós todos sabemos. Acho que vou chamá-lo simplesmente como nós sempre o chamamos: meu caro Siqueira.*

*Senhor Ministro João Henrique, que tem contribuído decisivamente para a continuação daquilo que foi iniciado por alguns dos seus antecessores, notadamente pelo Ministro Padilha, pelo Ministro Saldanha, a quem eu saúdo também por estar aqui simbolizando essa continuidade. O João Henrique tem continuado, dando, realmente, a energia necessária para que nós possamos governar, como estamos fazendo, até o final do Governo. Meu caro Luis Raimundo, que é o Presidente da Valec; Vice-Governador de Goiás; meu companheiro, nosso Líder no Senado, Eduardo Siqueira Campos; Deputados aqui presentes; Prefeito de Aguiarnópolis, aqui presente, que já foi tão ovacionado, ouvi lá de longe as palmas; demais Prefeitos presentes; os que trabalham na Valec; Autoridades locais; Dr. Simão Cirineu, que está como Ministro do Planejamento neste momento; Senhoras e Senhores; enfim, todos que aqui estão,*

É difícil expressar o que significa, para alguém como eu – que, na verdade, foi trazido para a vida pública meio por acaso e cuja vocação sempre foi muito mais acadêmica do que política –, ouvir, como acabei de ouvir, as palavras dos que me antecederam. Realmente me tocam o coração. Tocam, certamente, pelas referências, sempre exageradas, ao que eu pude fazer, mas sempre carinhosas. Mas tocam também porque, bem ou mal, nesses anos, nós pudemos dar continuidade aos sonhos do Brasil. E ninguém faz nada sem sonhar.

Ao atravessar esta ponte, o Dr. Luís Raimundo me mostrava a ponte ao lado, que se chama Juscelino Kubitschek – homenagem mais do que justa a um homem que sonhou com um Brasil integrado e que levou adiante a Belém-Brasília. Não foi o único. Disse-me também o Dr. Luís Raimundo que ele ficou contente quando me ouviu dizer, em algum momento, que eu refazia o juízo que então tivemos sobre a Norte-Sul.

Quero, por isso, prestar homenagem ao Presidente José Sarney, que teve a visão de que era importante levar adiante essa obra de integração. E eu não ficaria satisfeito se não pudesse ter vindo aqui ver que aquela ponte, paralisada há 12 anos, hoje é um caminho de ligação do Maranhão com Tocantins – mas, mais do que isso, é um caminho de integração nacional. Hoje é um símbolo vivo daquilo que nós queremos fazer com este país, um país que se integra efetivamente, um país que, no passado se dizia, andava como caranguejo, sempre dando as costas para o interior, voltado para o mar.

Hoje, não. Hoje é o país da Marcha para o Oeste. Já nem ninguém se lembra disso, que era o mote da época do Getúlio Vargas. É o país que sonhou, realmente, a integração com a Amazônia, que não foi só de Juscelino; o Presidente Médici também contribuiu nessa direção. É o país que permitiu ao Presidente Sarney, maranhense, entender a importância dessa vinculação, que, talvez, nem todos nós lá do Sul tivéssemos percebido.

Hoje, essa estrada é terminada sob o comando de um piauiense, mas com um influxo muito grande de três gaúchos, os Ministros dos Transportes que o antecederam. E eu, que nasci no Rio, mas sou paulista, e que sou brasileiro, sou tocantinense também, pelos meus ancestrais,

pelo título que recebi em Tocantins, eu me sinto realmente muito satisfeito de ver que os sonhos, pouco a pouco, vão se transformando em realidade. E esta realidade, hoje, é indestrutível.

O Brasil hoje é tão forte e tão consciente de si, que o Brasil que antes tinha um pouco de receio e era quase que autárquico hoje se abre ao mundo. Assim como nós estamos vendo essas pontes aqui, há outras pontes que nós fizemos e que ligam o Brasil à Argentina, por exemplo, lá no Rio Grande do Sul, lá na terra do Senador Saldanha. Fizemos pontes. Há pontes que ligam cada vez mais o Brasil a todos os lados – e estradas também. E temos tanta vontade de interligação que estamos fazendo uma ponte que não liga a Venezuela a nós, mas liga um pedaço da Venezuela a outro pedaço da Venezuela lá no Orinoco, feita por empresas brasileiras com financiamento nosso. Por quê? Porque nós sabemos que, hoje, o Brasil precisa de um espaço mais amplo, não de conquista, mas de convivência. Fizemos uma estrada chamada BR-174, de Manaus até Caracas, que era meu sonho quando Ministro do Exterior. E, hoje, ela é uma realidade. Daqui a poucas semanas, estarei lá no Acre para inaugurar uma outra estrada, que vai do Acre à Bolívia.

Vou parar de enumerar, porque foram muitas as estradas que nós fizemos, muitos os caminhos de interligação. Nisso tudo, houve uma transformação grande. Essa transformação foi mencionada pelo Governador Siqueira Campos. É que nós, hoje, fazemos tudo isso e, crescentemente, em parceria.

Assim, hoje, depois da privatização das ferrovias, as ferrovias, que mal caminhavam, voltaram a andar. As estradas de ferro brasileiras, que transportam nossas riquezas, andam, hoje, a uma velocidade de mais ou menos 29 km por hora. Andavam a 23 ou 22.

Alguém que não conheça dirá que é pouco. Esta aqui anda a 50. A média, no Canadá e nos Estados Unidos, é de 33. Portanto, nós estamos nos aproximando dessa média. Essas ferrovias são, realmente, uma espécie de riqueza ambulante do Brasil, que vai levando de uma região a outra, e aos nossos portos, e desses portos para o exterior, a nossa produção, o fruto do trabalho dos brasileiros e das brasileiras. A quantidade de recursos investidos hoje nas ferrovias é muito grande.

Eu tive um outro gosto, enorme, que foi o de transpor, como fiz hoje, aqui, a ponte rodoferroviária que liga o Estado de São Paulo ao Estado de Mato Grosso do Sul, que, com isso, permitiu que a Ferronorte avançasse de Aparecida do Taboado na direção do Alto Taquari, já em Mato Grosso, saindo de Mato Grosso do Sul. Hoje, está no caminho de Rondonópolis; e, depois, chegará a Cuiabá.

Mais tarde, haverá uma ligação, certamente, que vai permitir que a riqueza aí produzida não apenas desça para o porto de Paranaguá ou de Santos mais depressa, senão que suba para os estados do norte, para que possa escoar-se pelo norte do Brasil.

E isso tudo fazendo com que haja, como já foi referido, uma relação intermodal, uma comunicação entre as hidrovias, que nós havíamos abandonado durante séculos – não anos: séculos. Hoje, temos hidrovias.

Teremos mais. A do rio Madeira com o rio Amazonas já permite o escoamento de milhões de toneladas de soja. Já há intermodais que permitem o desembarque melhor de navios de curso fluvial para navios de curso oceânico, lá no meio do rio Amazonas, como existe aqui, em Porto Velho, um outro terminal que permite o embarque da soja.

E nós vamos ver, dentro de pouco tempo, a plataforma intermodal sobre a qual acabei de conversar com o Ministro dos Transportes, e eu vou querer, sim, terminar, neste Governo, a plataforma intermodal que vai, daqui a quatro quilômetros, permitir, de fato, que a riqueza que vem pelo Tocantins possa ser conectada com a riqueza que vai fluir pela Ferrovia Norte-Sul e que vai buscar o nosso oceano, lá pelo porto de Ponta da Madeira, no Maranhão.

Isso será feito. Custa pouco. É uma questão de destinação dos recursos, ainda não disponíveis, mas que o Ministro me garante que saem, nem que seja para cortar da pele dele...

Assim, nós cuidamos de fazer com que houvesse, e está havendo, essa interconexão dentro do nosso território. Nós estamos traçando nove eixos fundamentais, que ligam o Brasil. E, ao redor desses eixos, como vimos, no Maranhão, vem a construção de uma base, para se poder transportar essa mercadoria para os trens numa velocidade de 90 toneladas em 40 segundos. Assim, como isso está sendo feito aqui, dentro do

Brasil, nós refizemos os nossos portos, para que os portos permitissem a exportação – portos novos, que não havia: Pecém, no Ceará; Suape, que terminou; Sepetiba, que não existia; reformamos o do Rio de Janeiro, reformamos o porto do Rio Grande – para falar só dos grandes portos do Brasil.

Dessa maneira, a infra-estrutura brasileira, nesses oito anos, tomou outra feição. Talvez os brasileiros não saibam. O Brasil é tão grande, os problemas nos atormentam de tanta forma – há problemas que não estão nas nossas mãos, como essas turbulências financeiras –, são tantos problemas que, talvez, os brasileiros não tenhamos ainda a consciência da dimensão das transformações que estão ocorrendo no Brasil.

Mas eu concordo, uma vez mais, com o Governador Siqueira Campos. Se tudo isso me deixa, enfim, emocionado, de ver a disposição de trabalho que existe, no nosso país, o que mais me sensibiliza é ver as crianças nas escolas. É quando vejo que existem, realmente, agentes comunitários de saúde. É quando vejo que há professores e professoras, como vi, ontem, cerca de 200 pessoas que trabalharam em alguma coisa que a imensa maioria dos brasileiros nem sabe o nome – “parâmetros curriculares básicos”. Cerca de 200 professoras e professores estiveram, ontem, no Palácio da Alvorada, para despedirem-se de mim. Modificaram todo o conteúdo dos currículos dos ensinios no Brasil, todo, do ensino fundamental, durante esses anos. Para quê? Para ensinar de uma maneira mais moderna, mais racional e mais democrática; para acabar com o preconceito contra a mulher, preconceito contra o negro, contra o índio; para fazer com que os livros sejam mais equilibrados e as crianças aprendam aquilo que é importante nas suas regiões.

Esse trabalho silencioso, de mudança da sociedade, é que conta. A sociedade precisa, por certo, de uma base material, de infra-estrutura, de estradas, de portos, de energia elétrica, enfim, de tudo isso que já mencionei – e poderia passar muito mais tempo mencionando o que está acontecendo em várias regiões do Brasil. Mas o que a sociedade precisa mesmo é de gente que tenha capacidade de saber, de se informar, de reivindicar, de ser cidadão, de ser democrata e de exigir que nós, governantes, atuemos em benefício da maioria.

Esse Brasil que está plantado nesses rincões todos, esse Brasil vai florescer, não tenho dúvida. Nós estamos apenas semeando. Mas ele vai florescer. E a coisa que mais me deixa feliz – eu repito sempre, como professor que sou e fui a vida inteira e de uma família de professores: minha mulher, meus filhos, minha filha – é saber que, pela primeira vez na nossa história, uma história de exclusões, história de pobreza, história de sofrimento das massas, pela primeira vez não só essa exclusão não é mais aceita, e todo dia todo mundo cobra maior distribuição de renda, melhor salário, mais participação; pela primeira vez, é possível dizer com seriedade, como direi agora, que o analfabetismo é residual no Brasil e em pouco tempo acabará, porque todas as nossas crianças estão nas escolas.

Assim como foi necessário, no fim do século XIX, acabar com a escravidão, que era uma nódoa, mais que uma nódoa, era um grilhão que acorrentava os pés do País ao atraso, eu posso dizer que agora, no começo do século XXI, o fundamental é acabar com o analfabetismo, a forma moderna do mesmo grilhão que prende o povo ao atraso e que impede o Brasil de alçar o vôo, o grande vôo, não só da liberdade, mas da construção de uma sociedade mais feliz, mais irmã, mais fraterna e mais justa para todos. E eu posso lhes dizer, sem demagogia: nós acabamos com a nódoa do analfabetismo. Há ainda os que não tiveram acesso à escola, mas hoje o acesso é quase universal. Atingimos níveis que só os países mais desenvolvidos conseguiram atingir. E o fizemos num período de tempo muito curto. Já vinha de antes, mas nós aceleramos, nesses oito anos, a escolarização no Brasil. Essas obras não são materiais: são de formação humana, são espirituais, mas são as que contam.

De modo que eu posso lhes dizer, se é que posso começar as minhas despedidas desse povo generoso, que não vou faltar ao que disse o Siqueira há poucos instantes: quando necessário, mesmo de longe, se for útil, darei minha palavra de apoio ao País. Mas posso lhes dizer que tenho a consciência de que, se não fiz tudo, e certamente não fiz, tudo que fiz foi com amor ao País, tudo que fiz foi sem pensar em mesquinaria, tudo que fiz foi não pensando em partido político, esse ou aquele, tudo que fiz não foi para beneficiar os meus próximos, tudo que

fiz foi com essa mesma convicção daqueles que fazem o Brasil, como é o caso do Governador Siqueira Campos, que fez um estado. Tudo que fiz foi com esse sentimento de que é preciso plantar para o futuro, é preciso ter uma visão que vai além do cotidiano.

E é preciso deixar que a mesquinha do cotidiano, a pequena política, essas frases às vezes ferinas como que não firam os nossos ouvidos. E que nós não sejamos, o tempo todo, constrangidos a ver o que não é bom e fiquemos olhando um pouco mais longe, na convicção de que o que não é bom vai sumir na História e o que é bom vai ficar marcado para sempre como parte do Brasil.

E vocês, aqui, neste meio do Brasil, neste encontro do Maranhão com o Tocantins, nesta proximidade com o Pará, com o Piauí, com Goiás, vocês são o testemunho vivo de um país que está se transformando. Ao passar na beira da estrada, ao ver as casas, ainda pobres, muito pobres, dos que estão à beira da estrada, eu olhava para aquelas crianças que saudavam, custavam a reconhecer, saudavam. E eu pensava: Meu Deus, elas mereciam muito mais. Mas, certamente, têm hoje, já, mais do que tiveram seus pais e muito mais do que tiveram seus avós. O futuro está presente nessas crianças.

E, neste Estado que foi construído – e foi construído – pela vontade política de sua liderança e pelo trabalho de tantos brasileiros que se encontraram no Tocantins, este Estado é bem símbolo daquilo que todos os meus antecessores, que tiveram visão de grandeza, quiseram ver no Brasil: um Brasil como um grande ponto de encontro de vontades, um grande ponto de encontro solidário para construir o novo. Vocês, aqui do Tocantins, estão construindo o novo. Aí ao lado do Maranhão, em toda esta área, estão construindo o novo. Custa, às vezes, reconhecer que é novo mesmo, mas o tempo – disse o Siqueira, que nós entramos na idade dos idosos; vamos elogiar o passar do tempo –, o passar do tempo vai revelando, pouco a pouco, que aquilo que não se via nitidamente, num dado momento, é como o bom vinho quando está bem guardado: ele melhora o paladar.

O tempo também, não no caso pessoal nosso, mas no caso das experiências históricas que vocês estão realizando, o tempo vai se incumbir

de mostrar a todo o Brasil que aqui, no coração do Brasil, foi plantado um novo Brasil. E esse novo Brasil será uma continuidade daquilo que foi o sonho de todos os brasileiros: um Brasil melhor para todos.

Agradeço, portanto. Agradeço imensamente e peço ao povo de Aguiarnópolis que me perdoe, porque eu não posso dar a mão a cada um, mas tenham todos o sentimento de que, como Presidente da República, se pudesse abraçá-los, eu os abraçaria, em nome dos brasileiros, para agradecer a paciência que sempre tiveram – só por essa ponte, doze anos para recomeçar – para que pudesse sentir parte de um Brasil maior. Mas valeu a pena, porque hoje vocês têm a certeza de que são parte de um grande país.

Muito obrigado.